

Daniel Bensaïd

Marx, o intempestivo – grandezas e misérias de uma aventura crítica.
Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999.

José Corrêa Leite (editor do jornal *Em Tempo*)

Acaba de sair a edição brasileira de *Marx, o intempestivo — grandezas e misérias de uma aventura crítica*, de Daniel Bensaïd. Lançado na França em 1995, este livro é provavelmente a mais importante contribuição para a reorganização do pensamento revolucionário da última década, um ambicioso esforço de releitura da obra de Marx para reposicioná-la frente aos grandes desafios de nossa época.

Líder estudantil do maio de 1968, dirigente da Liga Comunista Revolucionária e da Quarta Internacional, professor de filosofia na Universidade de Paris VII (Saint-Denis), Daniel Bensaïd é autor de mais de 15 livros. Até o final dos anos 80 seus textos eram intervenções sobre a vida política francesa ou reflexões sobre o estatuto da política revolucionária (*La révolution et le pouvoir*, de 1976, *Stratégie et parti*, de 1987), tema que foi se consolidando como o fio condutor da obra de Bensaïd.

Walter Benjamin, sentinelle messianique constitui um ponto de inflexão nesta trajetória. Bensaïd embasa aí a necessidade de ruptura forçada com uma história que caminha para a catástrofe, trajetória contra a qual os seres humanos podem e devem se rebelar. Bensaïd coloca esta visão no centro de sua releitura de Marx,

empreendida em *La discordance des temps* e em *Marx, o intempestivo*.

Bensaïd parte, aqui, de uma premissa: o fundamento do “atual ainda ativo” do pensamento de Marx é sua crítica do capitalismo: “Essa vitalidade é antes de tudo a da universalização e da vitalidade mórbida do próprio capital. Tornando-se efetivamente planetário, ele é mais do que nunca o espírito de nossa época sem espírito e o poder impessoal do reino da mercadoria. Nosso nublado horizonte e nosso triste quinhão. Enquanto o capital continuar dominando as relações sociais, a teoria de Marx permanecerá atual, e sua novidade sempre recomeçada constituirá o reverso e a negação de um fetichismo mercantil universal” (p. 11-12).

O que para aqueles que empreendem uma defesa doutrinária da atualidade do marxismo é a conclusão, para Bensaïd é o ponto de partida. O pensamento de Marx só pode recuperar sua efetividade para orientar a práxis, a luta emancipadora, se desenvolver todas as suas potencialidades críticas — se for um questionamento radical das bases da civilização moderna. Não é surpreendente que Bensaïd reivindique como guias, nesta reestruturação do legado marxista, Benjamin e Gramsci — que se colocaram “contra o culto sonolento do progresso e suas promessas quase sempre

ilusórias”, “aprofundando a crítica messiânica da abstração temporal” e tirando “as consequências da indecisão intrínseca do conflito: ‘só se pode prever a luta.’ Daí resulta uma noção de política como estratégia e uma noção do erro como risco inelutável da decisão” (p. 15-16).

O Marx de Bensaïd não é o fundador de um sistema fechado, mas o instaurador de um paradigma de pesquisa coextensivo à modernidade. A pluralidade dos “marxismos” encontra-se em uma tensão produtiva, sem ecletismo, no próprio Marx. “Dividido entre seu fascínio pelo modelo físico da ciência positiva e sua fidelidade à ‘ciência alemã’, entre o canto de sereia do progresso e a recusa dos seus paraísos artificiais, Marx desentende-se por um nada com sua própria sombra e esperneia nas mãos dos próprios espectros. Atravessado por contradições não resolvidas, seu pensamento não se mostra inteiramente homogêneo. Nem por isso é incoerente ou inconsistente. O núcleo do seu programa de pesquisa ainda permite que interroguemos nosso universo dentro da perspectiva de mudar o mundo... Nenhuma doutrina, portanto, mas a teoria de uma prática suscetível de várias leituras. Não de qualquer leitura” (p. 12-13).

Bensaïd mostra como, nos alicerces da crítica da economia política, sustentando-a, encontramos em Marx também uma crítica da razão histórica, da razão sociológica e da positividade científica. Resgatar estas “críticas” é confrontar aqueles que lêem o marxismo como filosofia do progresso, como sociologia das classes ou como ciência da sociedade, diluindo seu caráter de teoria que quer superar o mundo criado pelo mercado generalizado. A força de *Marx, o intempestivo* é a enorme sinergia que resulta da articulação do conjunto destas críti-

cas para a dinamização do pensamento revolucionário nesta virada de século.

O livro é dividido em três partes. A primeira, “Do sagrado ao profano: Marx crítico da razão histórica”, mostra como a obra de Marx dessacraliza a História. Ela é articulada a partir de uma polêmica com Popper, uma confrontação com o “marxismo analítico” e um capítulo de síntese.

Baseando-se nos *Grundrisse*, a concepção de História que emerge é marcada por noções como contratempo e discordância dos tempos, uma representação não linear do tempo humano, perpassado pelo conflito, por avanços e recuos e pelo desenvolvimento desigual. A discordância dos tempos é inerente ao mundo do capital, caracterizado pelo desequilíbrio e instabilidade permanentes, pela assincronia de seus ciclos e pelos efeitos imprevisíveis dessa impossibilidade de se atingir uma consonância das várias esferas.

Ao tempo abstrato dos relógios e do dinheiro, ao tempo vazio do progresso, Bensaïd opõe interrupções e passagens, as discordâncias dos tempos que abrem espaço para rupturas políticas. A conclusão é que “a política passa doravante à frente da história”. O marxismo não permite prever o futuro, como faria um oráculo ou almeja a ciência positivista, mas denuncia as catástrofes que nos aguardam se nada fizermos para mudar o futuro. Esse messianismo profano é fundamental para uma política que pretende romper com a repetição do mesmo e mudar o mundo. Ele introduz na política a estratégia, o trabalho de acumulação das condições para a instauração do novo. Mas estratégia de quem?

A segunda parte de *Marx, o intempestivo*, “A luta e a necessidade: Marx crítico da razão sociológica”, resgata a leitura da teoria marxista das classes empreendida por E. P.

Thompson. Para Bensaïd, “a noção de classe, segundo Marx, não é redutível nem a um atributo de que seriam portadora as unidades individuais que a compõem, nem à soma dessas unidades. Ela é algo diferente. Uma totalidade relacional e não uma simples soma... Sua abordagem recusa que se veja a classe como uma pessoa ou como um sujeito unificado e consciente, à imagem do sujeito racional da psicologia clássica. Não há classe senão na relação conflitual com outras classes... A realidade dinâmica das classes não cai nunca no domínio inerte da objetividade pura. Sua coesão é irredutível à unidade formal de uma simples coleção de indivíduos” (p. 147-149).

É a partir desta posição que Bensaïd polemiza com o liberalismo de Rawls e, principalmente, com Elster e os defensores do individualismo metodológico — no capítulo “Lutar não é jogar”, em que mostra como a obrigação de lutar impede toda confusão entre a luta de classes e a teoria dos jogos. Analisa também as recomposições permanentes das relações de classe nas diferentes fases do capitalismo e, antes de tudo, aquelas hoje em curso, sustentando a atualidade da teoria marxista do valor-trabalho.

A luta de classes resulta de múltiplas determinações no nível da produção, da circulação, da reprodução e do Estado. Mas a estrutura social não condiciona mecanicamente a representação e o conflito políticos. São as mediações nacionais, dos Estados, partidos e relações internacionais que transformam a luta em uma luta política. O sujeito revolucionário não é, para Bensaïd, imanente à História, mas constituído a partir das manifestações destas contradições intrínsecas a um sistema maquínico, baseado na exploração do trabalho pelo capital. As formas de lutas sociais não podem,

porém, ser multiplicadas indefinidamente — como fazem os pós-modernos. Para além da fragmentação dos interesses e das identidades, que atomiza os indivíduos e constitui a etapa suprema do fetichismo da mercadoria, opera a acumulação de capital, perpetuando as diversas opressões, combinando-as e unificando-as sob seu tacão. O conflito de classes estrutura o conjunto da socialização e determina as outras formas de conflitos; é uma diagonal que perpassa todas as lutas sociais.

Na terceira parte do livro, “A ordem da desordem: Marx crítico da positividade científica”, Bensaïd localiza as tensões que permeiam a compreensão de ciência de Marx — procurando resgatar aquilo que na sua concepção dialética de “ciência alemã” se opõe ao positivismo também presente em seu pensamento e antecipa os debates da teoria das ciências de nosso tempo. Trata-se, pois, de se colocar no centro de uma contradição central do pensamento marxista, desdobrando-a dialeticamente na relação necessária que ela tem com o desenvolvimento posterior das ciências.

Marx foi tocado pela “vontade de fazer ciência”, tão forte no século XIX. Mas, se foi “enfeitiçado pelo canto metálico da ciência inglesa, Marx parece retido pelos laços da ‘ciência alemã’ e os sussuros de uma história onde se juntam as vozes de Leibniz e de Goethe, de Fichte e de Hegel. Esse dilema não superado se mostrará fecundo. Entre o devir ciência da filosofia e o devir política da ciência, entre ciência inglesa e ciência alemã, o pensamento de Marx, em equilíbrio sobre a ponta afiada da crítica, acena para a ‘mecânica orgânica’, para a ‘ciência das bordas’ ou dos ‘preenchimentos’, cujos espectros assombram nossa razão instrumental” (p. 283-284). A ciência dialética de Marx — lidando com a reali-

dade complexa do comportamento do mundo mercantil, irredutível à lógica mecânica das ciências de sua época — antecipou importantes respostas para problemas que só foram assumidos conscientemente pelas ciências com a descoberta da entropia e a formulação da física quântica.

Não se trata de atribuir a Marx qualquer capacidade premonitória, mas de ver como, por sua recusa de se render ao positivismo e ao determinismo, sua obra foi perpassada por uma concepção de ciência capaz de lidar com a abertura intrínseca à história humana ao novo, como a crítica da economia política o conduz a “regiões desconhecidas, onde os comportamentos lógicos afastam-se do modelo clássico” (p.

401). Marx foi capaz de romper com a representação de um espaço homogêneo e de um tempo linear, substituindo a causalidade mecânica por uma sistêmica, com suas leis tendenciais, que impossibilitam uma previsão rigorosa mas nem por isso deixam de apreender o movimento da realidade e a articulação entre necessidade e possibilidade. “Considerando o capital como uma relação social dinâmica em desequilíbrio crônico, Marx entrevê, sem ainda poder decifrá-los, ‘os traços do caos sobre a areia do tempo’”(p. 430), o mesmo problema com que se defrontariam as ciências naturais e que Bensaïd recupera no seu diálogo com a ecologia, no capítulo final de *Marx, o intempestivo*.

Jorge Luís da Silva Grespan

O negativo do capital. O conceito de crise na crítica de Marx à economia política. São Paulo, Hucitec/Fapesp, 1998.

Hector Benoit (Professor do Departamento de Filosofia, da Unicamp.)

O livro de Jorge Grespan, *O negativo do capital*, é uma obra que, pelo seu rigoroso trabalho conceitual e pela sólida bibliografia trabalhada, compara-se aos melhores estudos de Giannotti e R. Fausto, sendo assim uma leitura obrigatória, para todos aqueles que, entre nós, refletem mais seriamente sobre a obra de Marx. Outra qualidade visível, mesmo numa primeira leitura, é aquela referente à elaborada estruturação da obra. Não se trata de uma justaposição de capítulos externamente vinculados, ou de um mero ensaio eventual, mas sim, efetivamente, trata-se da tentativa de demonstrar uma certa interpretação (polêmica) do conceito de cri-

se em Marx. Contra a crise como necessidade absoluta, defendida de maneira esquemática em certas versões do marxismo, o autor procura pensar a crise como necessidade relativa. Para levar adiante este objetivo, todo um sofisticado arsenal metodológico é mobilizado: em primeiro lugar, as categorias da dialética do próprio Marx e, secundariamente, Hegel e Aristóteles. Tentemos, dentro do possível deste espaço, detalhar um pouco o desenvolvimento do livro.

Grespan estuda o conceito de crise em *O Capital* procurando seguir o próprio percurso de *apresentação* das categorias realizado por Marx. Assim, se a crise ge-

LEITE, José Corrêa. Resenha de: Bensaïd, Daniel. Marx, o intempestivo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. *Crítica Marxista*, São Paulo, Xamã, v.1, n.9, 2000, p. 132-135.

Palavras-chave: Marx; Crítica do capitalismo; Marxismo analítico.